



Paróquia
NOSSA
SENHORA
DE **GUADALUPE**

CATEQUESES | Escola da Fé

Liberdade e Lei moral

consciência, liberdade e verdade



Liberdade e lei moral

Consciência, liberdade e verdade

Deus confiou aos homens, de uma forma diferente de outros seres que não são uma pessoa, uma luz natural, capaz de conhecer a Lei Eterna, e por esta mesma razão capaz de indicar ao homem a direção justa de sua ação livre. Esta lei não é algo que vem de fora, através das leis imutáveis da natureza física, mas de dentro e inclina você a agir de acordo com a razão humana.

Fazer o que está escrito na natureza humana é agir virtuosamente, São Tomás afirma aqui que o homem sente a inclinação de agir de acordo com sua natureza. Essa clareza lhe dá sua razão e, este seguir a sua razão, é o que torna o homem virtuoso.

O homem, pelo fato de ser livre, é indeterminado, e está em um estado de disponibilidade antes de qualquer coisa, o que significa que ele pode escolher a favor ou contra o que lhe é apresentado. Certamente, sua liberdade não é absoluta e, considerando o simples fato de ter um corpo, está sujeita a certos determinismos; mas no momento decisivo, mesmo dominado por um determinismo, ele continuará a possuir domínio sobre si mesmo, a menos que esteja em um estado patológico que o impeça de exercer sua liberdade.

Quando um estado patológico aparece e o homem perde o exercício de sua racionalidade devido aos fatores de anormalidade psicológica ou psicossomática, então o homem assimila, em seu comportamento, ao animal, e é submetido ao peso esmagador da necessidade instintiva que acabamos de mencionar. Ele não é mais um ser livre, e conseqüentemente seu comportamento deixa de possuir valor moral.

O homem livre tem a responsabilidade da ordem moral, e embora ele possa recusar suas ações, ele não o fará sem a sua autodestruição.

A liberdade do homem, em termos psicológicos, chega até este ponto. É capaz de suicídio físico, suicídio total, a livre escolha de não ser. Mas

também é capaz de suicídio interno, que acontece sempre que se escolhe o mal, que é, de acordo com a exposição anterior, uma forma de não ser. Os dois modos de suicídio, de destruição, são contrários à lei essencial da vida: existir. A vida é um imperativo existencial.

Daí o imperativo moral para o bem. Não temos o direito de nos destruir e, na mesma linha, também não temos o direito de fazer o mal. Do ponto de vista de nossa liberdade psicológica, podemos certamente escolher entre o bem e o mal: Mas do ponto de vista moral, devemos caminhar na direção do bem que nos é imposto como uma forma de sobrevivência e realização, e, finalmente, para a felicidade.

A liberdade é feita para o amor. Se o amor não exerce esta liberdade, não a usa, se não se aproveita dela, torna-se precisamente algo negativo, ocasionando no homem a sensação de vazio.

O amor compromete a liberdade e a plenifica, o que naturalmente atrai à vontade para o bom. A vontade tende ao bem e a liberdade é uma propriedade da vontade; é por isso que dizemos que a liberdade é feita para o amor: graças a ela acima de tudo, o homem participa do bem. Pela mesma razão, a liberdade ocupa um dos primeiros lugares na ordem moral, na hierarquia das virtudes, bem como os bons desejos e aspirações do homem. O homem deseja amor mais do que liberdade: liberdade é um meio, o amor é um fim. (*“Amor e Responsabilidade”*, São João Paulo II).

Nossa escolha deve ser sempre entre vários bens, nunca entre o bem e o mal. Sempre mantemos nossa liberdade interior - o que é chamado de livre arbítrio - porque podemos querer sem sofrer necessidade ou coerção, como senhores de nós mesmos, mas nossa vontade está orientada para o bem. O mal está sempre ao nosso alcance, mas nunca nos é permitido, pois nos destrói. Liberdade psicológica e necessidade moral não são absolutamente incompatíveis.

Pelo contrário, só o bem faz com que o homem se realize plenamente, é por isso que estamos sendo impostos - livremente, é verdade, mas de forma imperativa - a um dever, uma obrigação, ou seja, uma necessidade moral



decorrente do nosso próprio ser e suas características, ou seja, de nossa natureza.

A liberdade é o poder, baseado na razão (inteligência) e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isso ou aquilo, de executar assim por nós mesmos, ações deliberadas (Catecismo da Igreja Católica, n. 1731)

Como vimos, dois elementos entram no ato humano: o despertar (inteligência) e a vontade (liberdade).

Hoje todos falam sobre liberdade (liberdade dos povos, jovens que pedem mais liberdade de seus pais, liberdade de consciência etc.); no entanto, esta palavra é muitas vezes mal utilizada, confundindo-a com a capacidade de fazer o que eu sinto, ou gosto. O pano de fundo é bom, mas a verdadeira compreensão da grandeza deste maravilhoso dom de Deus não é compreendida nesta concepção de liberdade.

A liberdade também não pode ser negada, como pensam alguns filósofos modernos que concebem o homem como um animal que se deixa levar por seus instintos. Neste caso, comportamentos humanos seriam formas simples de reação automática a certos impulsos. O homem é livre, mas essa liberdade também não é o último valor, porque está ligada a outros valores (dever, responsabilidade, lei moral, fé, amor...) que integram um todo único e unido: o ser humano.

A liberdade é um presente muito especial que Deus fez ao homem. Ele compartilhou com o homem algo que é exclusivo de Deus. Essa doação gerou um risco: foi dada ao homem a possibilidade de pecar. Mas Deus aceitou o risco, se pode ser explicado dessa forma, porque somente com liberdade o homem se tornou capaz de amar e buscar o bem. A liberdade faz com que o homem seja capaz de responder a Deus, capaz de entregar-se a Ele e aos homens. O homem não segue Deus como um autômato predeterminado (piloto automático), mas, na busca do bem e do amor.

O homem é dono do seu comportamento. É por isso que você pode ser responsabilizado pelo que você faz, você pode cumprir as leis, você tem

sentimento de culpa, você experimenta arrependimento ou satisfação diante de uma boa ação, etc. Um animal não pode ser responsabilizado: um lobo, por exemplo, não percebe o que faz quando mata uma ovelha; ele está simplesmente com fome e age, ele coloca os meios para satisfazer seu instinto.

O homem é capaz de escolher, atua movido por deliberações, considera as diversas opções, escolhe sua vocação, se compromete a participar de determinadas atividades; ele julga, valoriza as razões e decide agir. Isso explica a relação íntima entre liberdade (decisão de agir) e inteligência (julgamento).

Portanto, a liberdade é a capacidade que o homem tem de decidir sobre seu comportamento e atuar, é a capacidade de dirigir-se de acordo com o que sua razão dita. Nesta liberdade reside o mérito ou demérito de nossas ações. Se não tivéssemos liberdade, nossas ações não teriam mérito, sempre seriam indiferentes.

Esta liberdade torna o homem responsável por seus atos; pois se você pode escolher seu comportamento de acordo com razões internas, você deve ou pode responder por essas razões.

A liberdade também está ligada ao respeito à liberdade e aos direitos dos outros; e é governado de acordo com algumas leis que o homem dita, que Deus lhe dá ou que ele mesmo percebe em sua consciência.

Tipos de liberdade:

Podemos falar sobre diferentes tipos de liberdade:

Liberdade física: ou seja, ausência de obstáculos. É a liberdade do animal selvagem, a liberdade de se mover.

Liberdade interior: capacidade de decidir, a própria faculdade do homem pelo fato de ser um homem.

A liberdade moral: é a capacidade do homem de escolher valores morais, de escolher o bem com base no discernimento de sua razão.

Liberdade evangélica: libertação do poder de Satanás e do pecado através da verdade evangélica e da graça do Espírito Santo (cf. CEC 1741).

A liberdade religiosa: é chamada de direito que cada pessoa tem de viver sua religião.

A dignidade humana requer livre escolha.

Na Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” do Concílio Vaticano II, nn. 47 e 41 são citados: "A verdadeira liberdade é um sinal eminente da imagem divina do homem. Deus queria deixar nas mãos do homem a sua própria decisão, para que ele possa buscar espontaneamente seu Criador, e se abrir livremente para ele, alcançar a bem-aventurada e plena perfeição.

A dignidade humana exige, portanto, que o homem aja de acordo com sua consciência e livre escolha, ou seja, movido e induzido pela convicção interna pessoal e não sob a pressão de um impulso interno cego ou mera coerção externa. O homem alcança essa dignidade quando, totalmente livre do cativeiro das paixões, tende a seu fim, com a livre escolha do bem e busca meios adequados para fazê-lo com eficácia e esforços crescentes.

A liberdade humana, ferida pelo pecado, para dar a máxima eficácia a esta ordenação a Deus, deve necessariamente ser se apoiar na graça de Deus. Cada um terá que prestar contas de sua vida perante o tribunal de Deus de acordo com o bom ou mau comportamento que tenha observado.

Não há lei humana que possa garantir a dignidade pessoal e a liberdade do homem com a segurança comunicada pelo Evangelho de Cristo, confiado à Igreja. O Evangelho enuncia e proclama a liberdade dos filhos de Deus, rejeita todas as escravidões, que em última análise derivam do pecado, respeitam sagradamente a dignidade da consciência e sua livre escolha, adverte sem cessar que todo o talento humano deve resultar no serviço de



Deus e do bem da humanidade; confia finalmente, a todos para a caridade de todos. (Cf. *Gaudium et Spes* nn. 47 e 41)

Em meio à coerção externa, a liberdade daquele que é atacado diminui, quando ele é forçado a agir contra sua vontade.

Este é um dos grandes males a que o homem pode ser submetido.

Quando a violência age contra a vontade de uma forma que impede o homem de ser totalmente mestre de suas ações, a responsabilidade (e, portanto, a culpa) sobre ele diminui. Para o cristão, essas ocasiões podem ser um convite de Deus para exercer as virtudes heroicamente como os mártires fizeram. A formação moral do cristão deve levá-lo a saber como decidir de forma responsável em situações limítrofes: mesmo que ele seja ameaçado de morte, ele não pode cometer uma injustiça ou mesmo um assassinato.

Elementos que cerceiam a liberdade

Quando uma tendência firme e constante se cria no homem para agir de uma certa forma, se é negativa, vai impedir a liberdade e forçá-lo a seguir sempre essa linha de comportamento. Isto é o que conhecemos como vícios.

Vícios profundos diminuem a responsabilidade por atos causados por ele e cometidos não com total consentimento, desde que haja um esforço real para combater o vício.

Existem outros fatores patológicos (neurose, psicose, etc.) ou sociológicos (educação, ambiente familiar, etc.) que podem influenciar negativamente a liberdade. E pode ser concluído com um princípio geral: "A liberdade deve ser educada e canalizada corretamente, orientando-a para o bem, o nobre e o belo."

A liberdade de Cristo e suas consequências

No documento *"A liberdade de Cristo e suas consequências para a liberdade humana"* segundo Tomás de Aquino, aponta-se o seguinte:

Em primeiro lugar, querer o mal não é necessariamente parte da liberdade, porque a liberdade é uma perfeição.

Em segundo lugar, há vários níveis de liberdade correspondentes aos níveis de ser das pessoas (divinos, angelicais e humanos).

Em suma, as diversas dimensões da liberdade humana formam uma unidade e são comandadas à liberdade moral, pela qual a pessoa humana, graças ao esforço para adquirir virtudes, determina-se para o bem com um domínio habitual de seus próprios atos.

Querer o mal é um sinal de liberdade limitada.

Ser capaz de querer o mal não é uma perfeição, mas uma evidência de uma liberdade condicionada e imperfeita: "Ser capaz de pecar ou escolher o mal é uma consequência do livre arbítrio, na medida que este se encontra em uma natureza criada possível de defeito"

Tomás ainda dá um passo à frente e afirma que, na realidade, é um defeito da liberdade: "escolher algo apartando-se de uma orientação a sua finalidade, significa pecar, isso pertence ao defeito da liberdade".

(...) apenas a Deus corresponde estar livre de pecado de forma natural. Sua liberdade é perfeita, e sendo Deus plena bondade, não tem sentido considerar como uma falta de liberdade que seja impossível de pensar que Ele faça o mal. A liberdade é, por si, ordenada ao bem, e quando é perfeitíssima – é o caso de Deus – não pode tender ao mal. Thomas acha que alguns homens podem ser confirmados no bem mediante o dom da graça, o que os torna partícipes, de alguma forma, da natureza divina.

(...) A liberdade humana é marcada pela possibilidade de falhar, por causa de uma natureza intelectual limitada e das consequências do pecado original. Estamos diante de uma liberdade de escolha que se refere ao bem e ao mal que nos são apresentados como possibilidades. O exemplo e a graça de Cristo – juntamente com a inseparável missão invisível do Espírito Santo – nos ajudam a entender o significado da liberdade, com a qual podemos merecer através de nosso compromisso cada vez mais forte o bem."

Liberdade no Catecismo da Igreja Católica

O catecismo da Igreja Católica afirma sobre este assunto:

§1739 - Liberdade e pecado. A liberdade do homem é finita e falível. Na verdade, o homem errou. Ele pecou livremente. Ao rejeitar o projeto de amor de Deus, ele enganou-se e tornou-se um escravo do pecado. Esta primeira alienação gerou uma infinidade de alienações. A história, desde suas origens, testemunha infortúnios e opressões nascidos do coração do homem como resultado de um abuso de liberdade.

1740 Ameaças à liberdade. O exercício da liberdade não implica o direito de dizer e fazer qualquer coisa. É falso conceber o homem "sujeito a essa liberdade como um indivíduo autossuficiente que busca a satisfação de seu interesse próprio no gozo de bens terrenos".

"Libertatis conscientia".

Por outro lado, as condições econômicas, sociais, políticas e culturais exigidas para o justo exercício da liberdade são muitas vezes desconhecidas e, ou violadas. Essas situações de cegueira e injustiça sobrecarregam a vida moral e colocam tanto os fortes quanto os fracos na tentação de pecar contra a caridade. Ao se distanciar da lei moral, o homem atenta contra sua própria liberdade, acorrenta-se a si mesmo, quebra a fraternidade com seus semelhantes e rebela-se contra a verdade divina.

§1741 - Libertação e salvação. Por sua gloriosa Cruz, Cristo obteve salvação para todos os homens. Ele os resgatou do pecado que os tinha submetido em cativeiro. "Para ser livre Cristo nos libertou" (Gl 5,1). Nele participamos da 'verdade que nos torna livres' (Jo 8,32). O Espírito Santo foi dado a nós, e, como o apóstolo ensina, "onde está o Espírito, há liberdade" (2 Cor 3,17). Já a partir de agora nos gloriamos na 'liberdade dos filhos de Deus' (Rom 8,21).

§1742 - Liberdade e graça. A graça de Cristo não se opõe de forma alguma à nossa liberdade quando corresponde ao sentido da verdade e do bem que Deus colocou no coração do homem. Pelo contrário, como a experiência cristã atesta, especialmente na oração, à medida que nos tornamos mais dóceis aos impulsos da graça, nossa verdade íntima e nossa segurança nos julgamentos aumentam, bem como diante das pressões e coerções do mundo exterior. Pelo trabalho da graça, o Espírito Santo nos educa na liberdade espiritual para nos tornar colaboradores livres de seu trabalho na Igreja e no mundo.

“A liberdade de um ser humano é a liberdade de um ser limitado e, portanto, é limitada a si mesma. Só podemos possuí-la como uma liberdade compartilhada, na comunhão de liberdades: a liberdade só pode se desenvolver se vivermos, como devemos, uns com os outros e uns para os outros. Vivemos como devemos, se vivermos de acordo com a verdade do nosso ser, isto é, de acordo com a vontade de Deus. Pois a vontade de Deus não é para o homem uma lei imposta de fora, o que o obriga, mas na medida intrínseca de sua natureza, uma medida que está inscrita nele e faz dele a imagem de Deus, e assim uma criatura livre.” (Bento XVI, Homilia quinta-feira, 8 de dezembro de 2005.)

“Para plenamente realizar a vida em liberdade, é necessário superar o teste que a mesma liberdade implica, ou seja, a tentação. Apenas livre da escravidão das mentiras e do pecado, a pessoa humana, graças à obediência da fé, que a abre à verdade, encontra o sentido pleno de sua existência e alcança a paz, o amor e a alegria.” (Bento XVI, ANGELUS, domingo, 5 de março de 2006.)

Sem a verdade não há liberdade, não estamos plenamente na ideia original do Criador.

Outra instância fundamental do ser é a liberdade. No entanto, tendo em vista que a liberdade humana é sempre uma liberdade compartilhada com os outros, é evidente que a harmonia das liberdades só pode ser alcançada no que é comum a todos: a verdade do ser humano, a mensagem fundamental do eu, ou seja, precisamente na “*lex naturalis*”.

Este Material foi extraído de algumas aulas dadas pelo Pe. Adilson Carraro, LC sobre “Liberdade e a Lei Moral” no Instituto Superior de Ciências Religiosas no México.

Tradução: Alberto Perazzo
Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe